

## OS JOVENS BRASILEIROS E OS PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL NO SÉCULO XXI.

Prof. Dr. João Ignacio Pires Lucas  
Professor de Ciência Política da Universidade de Caxias do Sul

As pesquisas de opinião sobre os partidos políticos (e sobre a política) realizadas pelos institutos de pesquisa no Brasil ao longo do século XXI têm apresentado informações sobre as preferências partidárias da população brasileira em geral, e dos jovens entre 16 e 24 anos, em particular, no sentido de que a esmagadora maioria dos jovens e da população em geral não simpatiza com nenhum partido. Este trabalho, nesse sentido, reflete sobre os dados apresentados nessas pesquisas, a partir de uma análise sobre os limites da democracia representativa ocidental. A principal hipótese é de que os níveis de simpatia e efetiva participação pelos e nos partidos políticos são pertinentes para os sistemas políticos ocidentais de democracia representativa restrita, mas não são pertinentes a um processo democrático mais amplo e participativo.

O levantamento sobre a popularidade da presidente Dilma no seu primeiro ano de mandato, realizado em janeiro de 2012 – pesquisa feita em 18 e 19 de janeiro de 2012 com 2575 eleitores no Brasil, sendo que 22% desses foram jovens de 16 a 24 anos – trouxe, mais uma vez, a pouca simpatia pelos partidos políticos. Do total geral de entrevistados, 58% não têm simpatia por nenhum partido político. Entre os jovens, o percentual dos que não têm simpatia foi de 64%. Na verdade, esses percentuais são corriqueiros nesses tipos de levantamentos, o que é confirmado pela pouca participação nas atividades dos partidos políticos, bem como dos poucos filiados.

Dos partidos citados, o PT foi aquele que mais conseguiu simpatizantes, entre jovens o percentual foi de 24%, e o PSDB chegou em segundo lugar bem atrás com 4%. Isso também não tem sido diferente na última década, quando o PT tem conseguido a maior simpatia entre o eleitorado. Porém, a grande maioria não têm respondido favoravelmente aos partidos políticos. Por isso, a pergunta central é: como a democracia pode sobreviver adequadamente sem a maioria do eleitorado simpatizando (e participando) dos partidos políticos? Ou seja, sobre o principal agente de intermediação entre o povo e o Estado.

A questão é que, em linhas gerais, o modelo (restrito) de democracia representativa, caracterizado pelos pensadores elitistas como Dahl, Schumpeter, O'Donnell, dentre outros, funciona sem problemas com tal “empatia” pelos partidos, e pela política em geral. Na verdade, os sistemas partidários e políticos em funcionamento foram preparados para conseguirem certos resultados hegemônicos sem a participação massiva do eleitorado, e os jovens têm entrado nesse esquema. Nesse sentido, a discussão sobre o sistema político é confrontado com a discussão sobre a hegemonia, no sentido de Gramsci. E, de acordo com essa noção, a de hegemonia, o sistema partidário e democrático no Brasil serve a hegemonia que sustenta o capitalismo nesse país.

Palavras-chave: partidos políticos, democracia, hegemonia.